

Sinopses de tres ensaios:

"Für eine Philosophie der Fotografie," 1983

"Ins Universum der Technischen Bilder", 1985

"Die Schrift", 1987

A penosa passagem da cultura industrial, (moderna, produtora de objetos), para cultura diferente, (pos-industrial, pos-moderna, produtora de informações imateriais), exige, para ser captada, diversas etapas de acesso convergentes. Os três ensaios epigrafados tocam etapas sucessivas de uma única de tais avenidas: a dos códigos portadores das informações culturais dominantes. Por certo: quem viaja por tal avenida não poderá deixar de vislumbrar perspectivas mais amplas da revolução cultural, (informática), pela qual estamos passando, e isto efetivamente se reflete nos três ensaios em causa. No entanto: o interesse continua centrado, sempre, sobre a emergência revolucionária dos códigos digitais, emergência esta cujas consequências sobre o futuro pensar, vivenciar e agir do homem individual e da sociedade continuam violentas demais para poderem ser apreciadas em todos os seus aspectos.

Logo no início da pesquisa tornou-se obvio que o núcleo informático da transição entre a cultura atual e a nova se encontra na relação cambiante entre texto e imagem, (entrebó código alfanumérico e o das imagens planas). Tornou-se obvio, logo de início, que imagens de tipo novo, (foto, cinema, TV, video, imagens sintetizadas por computador, possivelmente hologramas), tendem a assumir papel preponderante enquanto portadores das informações, e que, malgrado a inflação de textos impressos, o código linear alfanumérico está condenado a papel secundário, (e possivelmente a assumir funções novas). Ora, tal visão do problema exige que se faça distinção entre as imagens tradicionais, (pinturas, desenhos, gráficos, vitrais, mosaicos etc.), e as imagens do tipo novo. Os três ensaios epigrafados propõem a distinção seguinte: Imagens tradicionais são codificadas por seu produtor, (pintor etc.), e imagens novas, (a serem chamadas "técnicas"), são codificadas por aparelho ad hoc programado. O que implica que com as imagens de tipo novo está emergindo novo tipo de imaginação, sustentada por aparelhos e codificada digitalmente, e que será este tipo de imaginação que caracterizará a nova cultura.

No primeiro ensaio, (chamado, em sua tradução portuguesa: "Filosofia da Caixa Preta"), a foto é tomada enquanto exemplo da imaginação de tipo novo. Por ser ela cronologicamente a primeira imagem técnica, e por ser a camera fotográfica aparelho ainda relativamente primitivo. Por certo: a codificação digital da foto ainda é rudimentar, (as moléculas de sais de prata das quais a foto é composta são r elati-

vamente grossas), mas isto facilita a análise da função da digitalização: calcular o fenômeno e depois computar o calculado. E por certo: a camera fotográfica ainda não é inteligência artificial em sentido rigoroso, mas isto facilita a análise da relação nova entre o homem e o instrumento: o instrumento faz o que o homem quer, mas o homem pode querer apenas aquilo que o instrumento é apto a fazer. A partir dessas considerações fundamentais: "cálculo", "computação", "aparelho" e "função"; o ensaio procura captar a essência da cultura emergente.

Depois de publicado ensaio, (e traduzido para 14 línguas), sentiu-se a necessidade de progredir no argumento. O segundo ensaio, "Ins Universum der Technischen Bilder", passa pois a refletir sobre o desenvolvimento "foto-filme-/-TV-video-imagem sintetizada". A ruptura em tal linha entre filme e TV, isto é entre suporte material e suporte eletro-magnético, forma o centro do ensaio. A partir da imaterialização da informação a distinção entre hard e soft passa a impôr-se, e isto se reflete na re-estruturação da sociedade. Os possuidores de hardware, (os "capitalistas"), passam a retroceder enquanto centros de decisão, e os manipuladores de soft-ware, (os "programadores"), passam a assumir o papel decisivo. Simultaneamente os servidores de hardware, (o "proletariado"), passam a se tornarem mais raros, e os servidores de soft-ware, (o "funcionariado"), passa a formar a maioria da sociedade. O ensaio procura elucidar a estrutura da sociedade emergente, ("telemática"), e a elaborar o clima existencial, (as vivências, os valores, os desejos e os atos), do "homem futuro", (o qual, em muitos aspectos, já está bem presente). O ensaio oferece, em sua conclusão, duas alternativas "futuresológicas": sociedade de réceptores de informação, (totalitária), e sociedade elaboradora de informação por cabo ou outro sistema iterativo, (democracia).

A publicação do ensaio provocou polémica violenta. Tornou-se indispensável fazer faças objeções, e isto exigiu análise da ideologia atuais críticos da cultura. O ensaio "Die Schrift" procura pois contrapor tal ideologia codificada alfanuméricamente à nova ideologia da imaginação codificada digitalmente. O ensaio é dividido em duas partes. Na primeira é analisada a emergência da escrita a partir das imagens pré-históricas, e a emergência das imagens digitalizadas a partir da escrita. Sugere-se que a "história" (codificação linear), se opõe ao mito e à magia, (codificação bidimensional), e está sendo desafiada pelo cálculo e a computação, (codificação zero-dimensional, digitalizada). A primeira parte conclui pela constatação da decadência da consciência histórica, linear,

isto é: da decadência de conceitos como "processo" ou "evento", e emergência de conceitos como "partícula" ou "campo". Na segunda parte do ensaio são analisadas fenomenologicamente alguns exemplos de decadência da escrita: jornal, livro, carta, máquina de escrever, papel, letra. Tal análise visa mostrar como as informações de transcodificam atualmente. Sob tal análise os conceitos de "memória" e "sincronia" emergem enquanto centrais para a compreensão da nova cultura. As implicações existenciais, (políticas, científicas, estéticas e religiosas), dessa transcodificação são propostas do final do ensaio. De forma que as conclusões do ensaio "Die Schrift" voltam em círculo amplo, para as premissas do ensaio "Filosofia da Caixa Preta".